



Homenagem na Beira

Eduardo Lourenço, Mestre e Cidadão

O Presidente da República, Mário Soares, preside domingo, dia 10 de Setembro, na Guarda, à sessão solene de homenagem a Eduardo Lourenço, acontecimento que culmina um vasto programa de iniciativas culturais sobre os 50 anos de vida literária do autor de «O Labirinto da Saudade», que decorrem desde hoje, sexta-feira, em Almeida, S. Pedro de Rio Seco e Guarda.

PÁG. 3

ESPECIAL JF

EDUARDO LOURENÇO 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

COLABORAÇÃO:

Eugénio de Andrade
Arnaldo Saraiva
Eduardo Prado Coelho
José César Paulouro
das Neves
José Augusto Seabra
Baptista Bastos

António Salvado
A. Lourenço Marques
Antonieta Garcia
António José Dias
de Almeida
Fernando Paulouro
Neves

«Alguém de livre navegação» — texto de José Cardoso Pires — PÁG. 3

NESTE NÚMERO

Barragem do Sabugal
no INTERREG II

PÁG. 36

As escolas normais
do distrito
de Castelo Branco

CENTRAIS

Uma feira
do mundo rural
em Idanha-a-Nova

PÁG. 17

Câmara de Gouveia
propõe «contrato»
com futuros deputados

PÁG. 11

Besançon é a Beira Baixa
em França

PÁG. 9

Campanha eleitoral

Nogueira domingo,
Guterres dia 25

PÁG. 36



Agricultura: os dias da crise

A agricultura portuguesa vive horas de crise. Na Beira Interior, os efeitos são visíveis. O rendimento dos agricultores sofreu uma quebra brutal, o endividamento e as falências estão na ordem do dia, os produtos estrangeiros invadem o mercado pondo a nu as insuficiências portuguesas. E, no entanto, condenando a agricultura ao insucesso, à gradual extinção ou à sua conversão numa área meramente simbólica, compromete-se o país em termos económicos, sociais, culturais, ecológicos e humanos.

Centrais

Eduardo Lourenço

José Cardoso Pires

Alguém de livre navegação

«É isso que torna [Eduardo Lourenço] fascinante: esse desequilíbrio 'chaplinesco' com que inabilmente chega junto de cada um de nós e de súbito nos diz o que nenhum de nós foi capaz de formular com nitidez e discernimento...»

Eduardo Prado Coelho

Às vezes a primeira imagem de alguns homens que perduram em nós e nos fazem interrogar surge com uma exactidão perturbadora pela sutileza do traçado. Leio Eduardo Lourenço, desde a tarde de há vinte anos em que o conheci no Café Montecarlo de Lisboa, ficou-me o desenho dum ave arguta, exacta reduzida ao estricte, mas dotada dum energia incalculável. Um olhar firme (desperto a todos os quadrantes, digo eu agora; alguém de humor a duas águas: no profano e no sagrado, no corrente casual e na capacidade de definir e conceptualizar).

Numa palavra, um escritor de «livre navegação» que, em roteiro de **Heterodoxia**, vai longe e fundo porque despreza a aridez teorizante e olha o livro como um acto vivido, uma provocação à felicidade. Daí a sedução da sua escrita, acho eu. Leio-a e penso-a num sublinhado de tentações de jogo (humor ainda, porque corresponde à desarticulação de relações formais) e sinto-me questionado através da leitura que ela faz dos outros, desde o seu Hegel ou do seu Montaigne ao Pessoa da nossa louca Baviera. A par disto há em Eduardo Lourenço uma capacidade

imagética muita certa e um instinto complazido da efabulação que personalizam a sua narrativa crítica ou a sua dissertação ensaística, tornando-a inquieta e inquietante, por vezes quase ao limite do encantatório. E isso é mais que importante porque provoca e compromete. Lemos, lendo-o. Pela sua mão, o nosso passado cultural de hoje e de ontem circula em presente revisto à nossa volta.

Assim percorremos com ele a literatura que nos descreve e alguns «labirintos» da nossa identidade; tempo depois, em viagem através de Leibniz, de Montesquieu ou Denis de Rougemont, iremos encontrar-nos com surpresa diante da sua **L'Europe introuvable**. [A Europa, uma ideia nova? Não sei, interrogo-me. Em 1814 Beethoven compôs a cantata **Nasceu a Europa**

para o Congresso de Viena, mas muitos séculos antes já o Império Romano era o esboço reconhecido deste nosso continente. Eduardo Lourenço chamou-lhe **introuvable** — miragem dum identidade, traduzo eu — mas, apesar disso encontrou nesta comunidade nublada uma Europa cultural que, como hipótese consistente, justifica a nossa presença num espaço que em verdade, só se reconhece por si próprio numa definição geopolítica].

É nesta Europa em revisão e neste Portugal em questionamento cultural que agora se presta homenagem a um dos escritores que têm exercido uma das intervenções mais lúcidas e mais inconformadas na análise das nossas maneiras de enfrentar o real e de dar expressão ao nosso imaginário.

Naturalmente que uma personalidade de formação tão sólida e ao mesmo tempo tão sensível é um constante desafio às decifrações de si própria que deixa em aberto a quem lhe é fiel. A cada leitura, novos indícios de trajetórias a percorrer, novas propostas (de transgressão, certas vezes); e aqui, que eu saiba, ninguém como Eduardo Prado Coelho o tem sabido anotar com tanta inteligência e com tanta percepção humana.

É que para os escritores portugueses dos nossos dias há uma mais-valia de generosidade a reforçar a obra crítica e ensaística de Eduardo Lourenço. A participação empenhada que tem desenvolvido a tantos níveis no debate colectivo da nossa ficção e a disponibilidade com que tem acompanhado vários dos seus casos

individuais mais representativos definem uma maneira de estar na literatura que não se fecha no livro e na escrita mas que os projecta para a prática social que os envolve. O **livro-acto** que ele refere em «Escrita e Morte» da **Heterodoxia?** Não sei.

Sei que por isto e por muitos outros sinais de identidade que tornaram exemplar a obra de Eduardo Lourenço nos é particularmente grato o reconhecimento público que lhe está a ser prestado pela sua presença singular na cultura portuguesa. E relemo-lo, procurando-o de novo em corpo inteiro. E olhando-o, pensamos em consciência intelectual e em independência. Um escritor de voz própria na sua hora. Alguém de livre navegação num mundo de mares contraditórios e de correntes em eterna transgressão que incita à descoberta.